

## HIBRIDISMO: CARACTERÍSTICA DA IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO EM *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

Denise Dias (IFAM)<sup>1</sup>

Maria Teresinha Martins do Nascimento (PUC-Go)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho testemunha e ilumina as concepções modernas, bem como os procedimentos estéticos literários a fim de compreendê-los. Além disso, estuda os processos de hibridização no romance *Capitães da areia*, de Jorge Amado. As relações de identidades, de representações e de produção cultural são elucidadas numa contribuição sociológica a par do estudo fenomenológico, estrutural, hermenêutico, baseado principalmente na teoria de hibridismo de Homi K. Bhabha, Mikhail Mikhaïlovitch Bakhtin, Nestor Canclini, Stuart Hall e, na teoria literária, de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Irlemar Chiampi, entre outros. A metodologia de natureza qualitativa apoia-se no raciocínio por dedução. O texto do autor é analisado como narrativa transcultural respeitando as cosmogonias das religiões, ancorado na teoria do imaginário, justificada pelo aporte cultural e antropológico enriquecendo a análise, o que possibilita um enfoque mais abrangente. A reflexão leva à percepção de que a narrativa constrói um universo literário mesclado, híbrido, que estimula a leitura profunda das identidades brasileiras contemporâneas e, para interpretá-las é necessária uma ação intercultural, e interdisciplinar aproximando-as do reflexo da realidade social, da miscigenação, e do hibridismo cultural. Por isso, as análises culturais são necessárias nessa obra literária como maneira de ampliar os horizontes da pesquisa, já que as influências sociais e as relações de poder são enfatizadas.

**Palavras-chave:** Hibridismo. Identidade. Jorge Amado.

*A literatura tem aquela força de transformar ...*

*Jorge Amado*

O texto que ora se segue tem como principal objeto de análise a obra de Jorge Amado, *Capitães da areia*, sob o olhar das concepções modernas estuda as relações de identidades, as representações e a produção cultural considerando o caráter

<sup>1</sup> Denise DIAS. Instituto Federal do Amazonas (IFAM), denise9345@hotmail.com

<sup>2</sup> Maria Teresinha Martins do NASCIMENTO. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC –GO), teresinha\_arruda@hotmail.com

híbrido, expressão utilizada por Homi K. Bhabha.

O constructo cultura tem sido estudado por diferentes áreas de pesquisa. Para Bosi (1992) é uma herança de valores, e também de objetos que será compartilhada por um grupo humano coeso. É, então, uma produção que depende do conhecimento da tradição, da comunhão, da comunicação, como afirma o filósofo Stuart Hall.

Logo, a identidade cultural de um povo se promove no mais das vezes e, ao longo do tempo, mediante processos inconscientes de transmissão de saberes. Para o sujeito pós-moderno, conforme o pensamento de Hall, a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação as maneira pelas quais foram representados ou interpelados os sistemas culturais que o rodeia. Permanece, assim, sempre incompleta, em processo, sendo formada (HALL, 2005).

Desse sistema resulta o hibridismo que para o Bhabha, é o sentimento de superioridade em relação aos colonizados e, de inferioridade em relação aos colonizadores como sendo a experiência da ironia, na qual dois sistemas de valores e verdades, se relativizam, se questionam, se sobrepõem, fazendo com que a duplicidade e a ambiguidade sejam fortes características de comportamento.

O hibridismo cultural destaca as antigas rivalidades culturais (colonizado X colonizador) para formar um terceiro espaço, onde haja lugar para uma nova raça, novos valores. No processo de hibridismo o caráter fronteiro não é uma divisão, contudo é o espaço onde os antigos lados se encontram. A fusão entre as culturas, o sincretismo, a mestiçagem, é uma forma “poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de culturas, mais apropriada à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado” (HALL, 2005, p.91) que emerge de todas as partes e deve ser encarada como processo social: os elementos culturais não podem ser entendidos como expressões estáveis e imutáveis, mas como um procedimento da sociedade à mercê de novas e imprevisíveis articulações. O produto dessas misturas é cada vez mais comum no mundo globalizado, o que, por sua vez, vai produzir novas identidades globais e locais.

Homi Bhabha (1998) adotou a ideia do hibridismo que tem sua origem na análise do linguista e teórico da cultura Mikhail Bakhtin (2000), que a distingue como

involuntária, pois mistura linguagens sociais dentro de uma mesma afirmação. Esta “confrontação dialógica” forma o hibridismo intencional. Bhabha atenua esta ênfase na intencionalidade, mostrando que o fenômeno híbrido independe da vontade do sujeito. Além disso, se presta, na relação colonial, não apenas a reação à dominação, mas também à afirmação do próprio poder do colonizador. A noção de hibridismo implica tanto em uma condição quanto num processo. É uma condição do discurso colonial na sua enunciação dentro da qual a autoridade colonial/cultural é construída em situações de confronto político entre posições de poder. Pode ser entendida como um processo de combinação dos produtos culturais com elementos novos, para produzir efeitos diferentes, em situações diversas. A ideia de mestiçagem, ou mesmo de mistura impura, em que as diferenças culturais constituem, por meio da migração espaços transnacionais e transculturais de negociação.

A literatura, para Bakhtin (2000), é o *locus* polifônico, onde várias vozes podem ser articuladas, onde refrações daquilo que é vivido e construído são recuperadas revelando a essência dos homens e suas experiências. É o espaço onde é possível observar as questões dos contatos culturais polifônicos em suas possibilidades advindas do contato e da compreensão das estruturas da literatura brasileira como forma de identificações transculturais, em um eterno processo de reconstrução.

Seguindo essa veia, Jorge Amado fiel à corrente modernista baiana que parte do neorrealismo, e não se contenta em apenas delatar o real, mas pretende mudar a realidade em nome da ideologia socialista, da literatura engajada, que transforma o romance em uma mensagem de ação revolucionária. Neste sentido, a Bahia se transforma numa grande metáfora do Brasil, o romancista narra histórias especiais e originais, atribuindo-lhes um valor universal. (BASTIDE, 1972, p.45-55).

As práticas áfricas são vividas em solo brasileiro, se caracterizaram como movimento de reterritorialização, que para Deleuze (1992), é a construção do novo território, enquanto que desterritorialização é o abandono forçado do território natal. São movimentos concomitantes e indissociáveis, de modo que a migração geográfica é se transforma um processo que interfere na identidade humana. As pessoas ao migrarem sofrem mudanças em suas identidades e principalmente em suas posições sociais, o que gera questionamentos em relação ao grupo sedentário, o que desenvolve uma crise

existencial.

Deleuze (2006) afirma que o nomadismo, como a prática de deslocamento geográfico, gera uma discussão da identidade humana, pois, a errância e a estabilidade são imprescindíveis para a construção de uma sociedade. A busca do equilíbrio requer a presença dessas duas forças. Esse conflito de identidades é percebido em *Capitães da areia*.

Em face dessa constatação, demonstra-se no artigo a representação literária a partir da leitura que Jorge Amado fez dos contatos culturais afro-brasileiros, uma vez que ao rejeitar os modelos europeus, cria-se um modelo brasileiro, “é por isso que ele inventou um naturalismo novo, em que a mais exata descrição da realidade, a mais marxista análise das contradições originárias do latifúndio a mais crua pintura de certa miséria se transformam em poesia” (BASTIDE, 1972, p.68).

Escritos numa mistura de estilos textuais, *Capitães da areia* permite ao leitor se envolver nas imprevisibilidades inerentes ao universo de hibridismo

O que é impressionante no "novo" internacionalismo é que o movimento do específico ao geral, do material ao metafórico, não é uma passagem suave de transição e transcendência. A "meia passagem" [*middle passage*] da cultura contemporânea, como no caso da própria escravidão, é um processo de deslocamento e disjunção que não totaliza a experiência. Cada vez mais, as culturas "nacionais" estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas. O efeito mais significativo desse processo não é a proliferação de "histórias alternativas dos excluídos" que produziriam, segundo alguns, uma anarquia pluralista. *O que meus exemplos mostram é uma base alterada para o estabelecimento de conexões internacionais..* (BHABHA, 1998, p. 25)(grifos nossos)

O hibridismo presente no texto em questão explora os espaços étnicos e religiosos, utilizando os recursos disponíveis para o sincretismo. Desta forma, a narrativa, celebra a impureza, a mistura, as transformações provenientes de culturas diferentes que se encontram no entre-lugar, esse “espaço geopolítico, como realidade local ou transnacional” (idem) que dão origem e marcam um novo ser, mais livre, alegre, disposto a contemplar o cosmos e a conviver com os problemas pertinentes à natureza humana.

A literatura amadiana revela uma sociedade que sofreu a experiência de ter sido colonizada, que viveu sob a ironia, que de acordo com Bhabha, no discurso



colonial é a capacidade de corrigir o subjetivo pela objetividade, é a consciência do caos e reside na contradição da nossa natureza. Nesse sentido, ironia é, pois, para ele, etimologicamente interrogação, questionamento, problematização. Uma concepção do mundo que visa mistificar o espaço envolvente, não para passar despercebido, mas, sobretudo para incitar os outros a desmascaram-se, procurando modificar o mundo circundante. Num contexto em que existem dois tipos na sociedade, com valores e verdades bem divergentes: a do colonizador e a do colonizado. No entanto, o conjunto de verdades da cultura dos seres marginalizados será subvertido ao bel prazer do colonizador, nessa ironia reside o *hibridismo*, seu caráter fronteiriço, contudo, não é uma divisão, é o espaço onde os antigos lados se encontram, abrindo diferentes possibilidades de discursos e de ações.

*Capitães da areia* é, portanto, romance universal, consoante Antônio Candido, por se tratar de problemas particulares, se tornam multinacionais, falam do homem ao próprio homem em um país que sofre as consequências maléficas do colonizador. Problematiza e metaforiza o pertencimento a contextos sociais, inclusive ao religioso. Reflete sobre a influência da questão dos traços identitários e da religiosidade do colonizado. A literatura jorgeamadiana revela o motivo gerador da possibilidade de formação de um novo ser, nem africano nem português, mas afro-brasileiro. Nele há descendência e ascendência nacional; nova porque é a recriação híbrida desse processo que se pretendia homogêneo.

Essa obra se caracteriza pela mistura cultural de suas personagens, pelo humor lúdico, pelo espírito folclórico, pelo Realismo Mágico brasileiro, pelo imaginário libidinoso nordestino. O autor mescla, denúncias contra a sociedade capitalista com elementos da religiosidade africana, “há uma poesia de tema e outra secreta e oculta” aquilo que os “haitianos chamavam de realismo maravilhoso”. O Realismo Mágico, receberá destaque especial nesse artigo enquanto processo híbrido, pois, refere-se aos mitos e à história cultural (o “inconsciente coletivo”) de um grupo social, “o maravilhoso não é plantado, faz parte integrante da realidade.” (BASTIDE, 1972, p.61). Dessa forma, revela a “insólita filosofia de vida de uma cultura inóspita porque nascida da interação do homem com a natureza mágica, produto de um pensamento mítico, poético e lúdico, infenso às influências da literatura europeia. (MARTINS, 2011, p.17)

Na perspectiva dos contatos culturais, Bhabha (1998, p.27) entende que a convivência entre as culturas produz uma nova tradução cultural, renovando o passado e inovando interrompe a atuação do presente, criando assim o passado-presente que busca articular a criatividade própria fronteiriça, cujo intuito é desorganizar velhas ordens num processo ininterrupto e também o de re-lembrar as antigas tradições.

Uma das grandes contribuições proporcionadas pela noção de fronteira como intercâmbio entre as culturas dos ameríndios, dos africanos e dos europeus para a literatura nacional é a relação de continuidade estabelecida através dos mundos e de seus entendimentos, que encontra apoio na visualização das cosmogonias excluídas e recuperadas na literatura, como “arte-mágica”. Levinas, citado por Bhabha, entende que a “arte-mágica do romance contemporâneo reside em sua maneira de ‘ver a interioridade a partir do exterior’ e é este posicionamento ético-estético que nos leva de volta [...] à continuidade do ‘estranho’.” (BHABHA, 1998, p.38)

Para Irleamar Chiampi (1980), o Realismo Maravilhoso se instalou com a ruptura do esquema tradicional do discurso realista que estava convertido ao mero relato folclórico. Concebe o mágico como uma série cultural acoplada ao realismo que pode implicar ora uma teorização de ordem fenomenológica, ora de ordem conteudista (magia como tema). Continua a definir o termo magia como a “arte ou saber que pretende dominar os seres ou forças da natureza e produzir, através de certas práticas e fórmulas efeitos contrários às leis naturais”, e o maravilhoso é o “extraordinário”, o “insólito”, o que escapa ao curso próprio da natureza:

Tradicionalmente, o maravilhoso é, na criação literária, a intervenção de seres sobrenaturais, divinos ou legendários (deuses, deusas, anjos, demônios, gênios, fadas) na ação narrativa ou dramática (*o deus ex machina*). É identificado, muitas vezes, com o efeito que provocam tais intervenções no ouvinte ou leitor (admiração, surpresa, espanto, arrebatamento). (CHIAMPI, 1980, p.49).

Nesse sentido, o Realismo Maravilhoso pode ser considerado um gênero transcultural e, enquanto modalidade cultural, faz referências à religiosidade, nesse caso, vinculada ao pensamento mítico dos afrodescendentes. Cumpre também uma função social: a tentativa de libertação dos cânones europeus, pois trata de temas até então rejeitados.

Dessa maneira, a figura do outro é vista como parte da dinâmica moderna, apontando para uma construção cultural híbrida. O Realismo Maravilhoso constrói o espaço da alteridade, e opondo à exclusão, se apresentando ou como proteção ao mundo hostil e opressor, ou como local desarticulador e desestabilizador do discurso do dominador.

O Realismo Maravilhoso, segundo SPINDLER (1993)<sup>3</sup>, pode ser dividido em alguns tipos. Jorge Amado representa o antropológico, que é uma tendência mais geral, pois

reflete uma preocupação temática e formal com o estranho, o inexplicável e o grotesco, e também com violência, deformidade e exagero. [...] Na cultura de descendentes de escravos e outros grupos

---

que vivem em contato com eles, há ecos de crenças mágicas, quase esquecidas, mas ainda poderosas o bastante para influenciar as ações e o comportamento. (SPINDLER, 1993)

O autor grapiúna<sup>4</sup> levou ao mundo o imaginário de um povo que sofreu influências e interferências no processo de colonização. À medida em que as narrativas se desenrolam, se enriquecem com as intervenções fantásticas dos deuses divinos que povoam a mente das personagens o *deus ex-machina*<sup>5</sup>, que aparece de forma repentina e são utilizados para dar um novo sentido à história, interferindo na vida humana, estabelecendo a relação entre o divino e o humano.

O filósofo Mircea Eliade (1998, p. 41) explica que essas forças mágico-religiosas revelam a transcendência divina manifestada mediante os fenômenos meteorológicos, como: chuva, tempestades, relâmpagos, trovões etc. A simbologia

---

<sup>3</sup> William Spindler, escritor e jornalista guatemalteco, nascido em 1963, escreve obras que incluem ficção, poesia e jornalismo em Inglês e Espanhol. Escreveu o romance *Países lejanos* (Magna Terra Editores, 2011, Colección Narrativa) e um livro de contos, "Expediciones", publicado em Bogotá, Colômbia, em 2004. Obteve o mestrado na Universidade de Southampton, com uma dissertação sobre realismo mágico. Em 1996, terminou o PhD do Departamento de História e Teoria da Arte da Universidade de Essex, com a tese sobre o realismo mágico e o romance latino-americano.

<sup>4</sup> Grapiúna, adjetivo referente à região de Itabuna, Bahia. Designação popular dos sertanejos às pessoas do litoral.

<sup>5</sup> "*deus ex-machina*" expressão de origem grega, "*apó mechanés theós*", utilizado originariamente no teatro grego quando uma história sofria um intervenção dos deuses utilizado de forma inesperada e artificial para resolver um problema aparentemente sem resolução humana. As interferências eram feitas sob a forma de luzes, relâmpagos ou mesmo uma voz superior de uma personagem sobrenatural.

presente na tempestade ou nas águas do rio pode ser observada como aspecto divino referente à violência e, ainda, à fecundidade. Da mesma forma, também o céu e tudo que é ser celeste simbolizam a força e a imutabilidade dos elementos de hierofania. O que se vislumbrou no exemplo abaixo:

Nestas noites de chuva eles não podiam dormir. De quando em vez a luz de um relâmpago iluminava o trapiche e então se viam as caras magras e sujas dos Capitães da Areia. Muitos deles eram tão crianças, que temiam ainda dragões e monstros lendários: Se chegavam para junto dos mais velhos, que apenas sentiam frio e sono. Outros, os negros, ouviram no trovão a voz de Xangô. Para todos estas noites de chuva eram terríveis. (Amado, 1983, p. 88)

No Realismo Mágico antropológico a cultura popular e suas crenças mágicas têm importância fundamental, pois “ao fazer isso, são favorecidas as reivindicações de igualdade daqueles que mantêm essas crenças com as elites modernizadoras que os governam” (SPINDLER, 1993). Por outro lado, Irène Bessière, citada por Chiampi, observa que a “obsessão pelo mito e pelo simbólico é a expressão de uma obscura exigência da ordem permanente”, ou seja, a própria metáfora da aceitação da autoridade sofrida pelos colonizados (CHIAMPI, 1980, p.53-68).

O Realismo Maravilhoso despertou o novo olhar literário, recuperou as formas arcaicas de uma cosmogonia escondida pelo preconceito ocidental. Pensá-lo é refletir sobre o hibridismo, para tanto definiremos fronteira como o espaço constituído de relações. Não é como o limite que separa, mas sim o local de contato entre diferentes elementos culturais. Por isso,

O realismo mágico instaura um modo de ser latino americano e inscreve na literatura um estilo revelador de uma insólita filosofia de vida, de uma cultura inóspita porque nascida da interação do homem com a natureza: mágica, portanto. Um reino encantado, [...] Ficção e vida, uma só coisa. Uma só existência: realismo mágico, fantástico, maravilhoso.” (NASCIMENTO, 2011, p.16).

As reflexões multiculturais são denominadas por vários nomes: entre-lugar, terceiro espaço, zona de contato ou de fronteiras, tudo se refere ao espaço em que



culturas diferentes se conectam fornecendo uma nova cultura híbrida, é a “necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 1998, p.20).

Compreendendo a cultura contemporânea sob o prisma do hibridismo e de identidades modernas deslocadas, ou fragmentadas, e, sobretudo, do Realismo Mágico, é que se pode entender as ações, as ambientações e a realidade ficcional em que se inserem as personagens das tramas narrativas aqui estudadas. O fragmento abaixo de *Capitães da areia* constata a presença de feitos mágicos anunciando a existência de seres divinos afro-brasileiros que intervêm no destino da humanidade, um artístico exemplo literário de realidade maravilhosa

Omolu tinha mandado a bexiga negra para a cidade alta, para a cidade dos ricos. Omolu não sabia da vacina, Omolu era uma deusa das florestas da África, que podia saber de vacinas e coisas científicas? Mas como a bexiga já estava solta e era a terrível bexiga negra, Omolu teve que deixar que ela descesse para a cidade dos pobres. (AMADO, 1983, p. 123)

A literatura amadiana, como em outras latino-américas, mostra o conflito dos opostos (passado ou futuro, absolutismo ou democracia, barbárie ou civilização) a própria crise de identidade cultural (CHIAMPI, 1980).

O candomblé, religião afro-brasileira dos orixás, deuses africanos, se fixou no Brasil provavelmente no século XIX, a princípio restrito apenas à Bahia, espalhou-se pelo país e também pela América latina. Praticada pelos baianos e revisitada literariamente por Jorge Amado, não se separa do mundo real e se mostra cheia de mistério, segredo e magia (PRANDI, 2009).

Os orixás, entidades religiosas africanas, considerados pelo Realismo Maravilhoso seres sobrenaturais que intervêm na vida dos homens, assim como no imaginário coletivo, para de alguma forma negar “a mentalidade dual e maniqueísta dos colonizadores” (MARTINS, 2011, p.14)

Com o intuito de exemplificar a aceitação do maravilhoso tanto na perspectiva da crença como no imaginário coletivo é que se expõe no excerto a seguir do romance *Capitães da areia*, em que os deuses africanos espalham sua ira sobre os

humanos, castigando-os

OUTRA NOITE, uma noite de inverno, na qual os saveiros não se aventuraram no mar, noite da cólera de Yemanjá e Xangô, quando os relâmpagos eram o único brilho no céu carregado de nuvens negras e pesadas, Pedro Bala, o Sem-Pernas e João Grande foram levar a mãe-de-Santo, Don'Aninha, até sua casa distante. Ela viera ao trapiche pela tarde, precisava de um favor deles, e enquanto explicava, a noite caiu espantosa e terrível.

– Ogum esta zangado... – explicou a mãe-de-Santo Don'Aninha. (AMADO, 1983, p. 86).

É assim que no decorrer de variadas passagens somam-se as evidências desse intercâmbio entre valores simbólicos e culturais, antes arraigados ao plano do mítico e irreal, agora conectados aos acontecimentos verossímeis transitam de história em história, entre os imaginários, unindo o real e o fictício.

Por fim, o Realismo Maravilhoso nos tirou do conforto, nos obrigou a criticar o discurso de poder revelado pelo colonizador X colonizado, representado a resistência cultural multiplicadora da angústia existencial, no entanto, nos levando a pensar sobre a condição transitória, finita e limitada da humanidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 1ª ed. Rio de Janeiro: ed. José Olympio, 1937; obra analisada: 57ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*; trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BHABHA, Homi K; *O local da cultura*; trad. de Myriam Ávila et alii, Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras*. in: *Dialética da Colonização*. 4ª. ed. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. trad. de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 4ª. Ed. 6ª. Reimp. 2013.

CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980. DELEUZE,

Gilles. *Pensamento nômade*. in: DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*.Org. da trad.: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

ELIADE, Mircea. *O tratado de História das Religiões*; trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: ed. Martins Fontes. 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; trad. Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. , Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NASCIMENTO, Maria Teresinha Martins. *Realismo mágico fantástico e maravilhoso abaixo do triângulo das bermudas*. in *Contraponto literário*.Goiania: Kelps, 2011.

SPINDLER, William de. *Realismo mágico: uma tipologia*, trad. de Fábio Lucas Pierini  
Revisão: Fernanda Cristina de Freitas Sales, original inglês“Magic realism: a typology” ,  
*Fórum for modern language studies*,Oxford, 1993, v. 39, p.75-85.